

POESIA E LIBERDADE: O PERSONAGEM-ESCRITOR E AS POTENCIALIDADES DA REDE

Mírian Sousa Alves (CEFET-MG)

Maria do Rosário Alves Pereira (CEFET-MG)

RESUMO: Este trabalho propõe uma análise da construção de dois personagens fictícios que veem a internet como possibilidade de escape. O primeiro deles é Simon, personagem do filme “As confissões de Henry Fool” (EUA, 1997), de Hal Hartley e o segundo, é o protagonista do romance de Bernardo Carvalho, intitulado “Reprodução” (BR, 2013). Tratam-se de personagens que parecem viver entre o delírio e a vida cotidiana, exibida como um painel sórdido e decadente. Por diferentes razões, ambos encontram-se presos em seus cotidianos e a escrita na rede se oferece como possível saída. Como referencial teórico, a análise utiliza o trabalho de Rainer Guldin, “Pensar entre línguas – a teoria da tradução de Vilém Flusser”, como principal pilar. Outros autores que investigam as relações entre a língua e a noção de comunidade também iluminam a análise, tais como Peter Pál Pelbart (Poder sobre a vida, potências da vida) e Vilém Flusser (Língua e realidade). O resultado é a percepção das diferenças e semelhanças que se delineiam na construção desses personagens que marcam a passagem do período em que a internet ainda estava em seus primórdios (Henry Fool) aos dias atuais, aqui percebido no romance de Bernardo Carvalho.

Palavras-chave: Literatura. Vida social. Escrita na rede.

Este trabalho debruça seu olhar sobre dois personagens fictícios que nos ajudam a pensar nas possibilidades e utopias abertas pela internet àqueles que se propõem à escrita neste espaço, tanto como forma de deslocar a própria identidade, como enquanto forma de resistência no âmbito social. O primeiro deles é Simon, personagem do filme “As confissões de Henry Fool” (EUA, 1997), dirigido por Hal Hartley, e o segundo, é o protagonista do romance de Bernardo Carvalho, intitulado “Reprodução” (BR, 2013). Tratam-se de personagens que parecem viver entre o delírio e a vida cotidiana, exibida como um painel sórdido e decadente. Por diferentes razões, ambos encontram-se presos em seus cotidianos e a escrita na rede se oferece como possível saída.

Para pensar tais personagens tomaremos como ponto de partida o trabalho de Rainer Guldin, “Pensar entre línguas”, que reflete sobre a teoria da tradução do pensador tcheco Vilém Flusser. Nascido em Praga, na década de 1920, Flusser parece sintetizar as três culturas fundamentais que definiram o destino de Praga: a tcheca, a alemã e a judia. Segundo Guldin, embora seja uma cidade fronteira, Praga não se encontra em um “entrelugar”, já que nela, as três culturas – a tcheca, a alemã e a judia –

formaram síntese e, portanto, nova cultura. “O característico de Praga é que sua marca supera todas as diferenças nacionais, sociais e religiosas. Se tcheco, alemão ou judeu [...] antes de mais nada se é praguense”, afirma Flusser, para explicar a influência marcante de sua cidade natal, localizada na fronteira entre o Oriente e o Ocidente.

Segundo Guldin, o fato de Flusser, filho de intelectuais judeus, ter crescido nesse ambiente, sentindo essa tensão em seu íntimo, foi fundamental para a construção de sua reflexão teórica futura, que também se constitui no espaço tenso do pensamento entre línguas. “Praga é clima existencial”, afirma Flusser. Como se sabe, o filósofo, que construiu sua reflexão em quatro idiomas – português, inglês, francês e alemão -, viveu a experiência do exílio no Brasil e escreveu - em português - boa parte de sua obra durante as décadas de 1950 e 1960. Posteriormente, de volta à Europa, escreveu preponderantemente em alemão, entre as décadas de 1970 e 1980, período em que – já de volta à Europa – redigiu, dentre outros textos, suas lembranças do período do exílio vivido no Brasil.

A metáfora da rede parece ligar a primeira fase do pensador à fase posterior de suas reflexões teóricas. Afirma Guldin: “H. Winkler tentou comprovar como a fascinação teórica pelo computador pode ser atribuída ao que ele (Flusser) chama de constelação do desejo: a exteriorização da língua. As redes da internet exprimem, nesse caso, as redes da linguagem” (GULDIN, 2010, p. 10).

Dois conceitos flusserianos serão fundamentais à análise da escrita na web que aqui se propõe. O primeiro deles é a noção de apatridade. A experiência de “não ter raiz” e de “pairar no ar”, expressa por Marc Chagal em tantas de suas obras, onde as “figuras flutuam sobre telhados e ruas” - é vista por Rainer Guldin como uma experiência constitutiva da condição judaica na Idade Moderna: “ali, o chão parece ter sido arrancado de sob os pés dos seres humanos”. O segundo conceito flusseriano aqui utilizado será a noção de abismo, que também ronda os personagens aqui analisados. A esse respeito expõe Rainer Guldin:

O abismo é a negação do fundamento tanto em seu sentido como causa, quanto em seu sentido como chão; o nada que se abre entre as línguas, quando se traduz. Francês, português e inglês utilizam a palavra *abîme*, abismo *abyss*, que remontam todas juntas à latina *abismus* e à grega *abyssos*, com o sentido de grande e incomensurável profundidade, inferno. ‘Apatridade’, por outro lado, é um conceito com um duplo sentido, em si paradoxal: um estado de absurdidade e um projeto intelectual, existencial e literário, que tanto resulta de, como leva a esse clima de absurdidade. (GULDIN, 2010, p. 31).

Ao lembrar a comparação feita por Flusser entre o período Barroco e a experiência da apatridade, Rainer Guldin pontua ainda:

Em oposição ao barroco, cuja superficialidade foi uma consequência da ‘perda da crença nos dogmas religiosos’, trata-se, em nosso caso, de uma perda da crença nos seres humanos e, por conseguinte, em nós mesmos. [...] Graças a *Auschwitz* temos então uma ideia daquilo que seria a utopia ocidental de uma sociedade perfeita. ‘E mostra-se que ela, que toda Utopia parece como um campo de concentração’ [...] Auschwitz destruiu todos os nossos valores e mostra o total absurdo – isto é, a apatridade – da história do Ocidente. (GULDIN, 2010, p.30-31).

O desejo de ida para o Oriente, como mote principal da obra “Reprodução”, de Bernardo Carvalho parece, assim, apontar para esse desejo de desconstrução de uma suposta Utopia, já perdida na história do Ocidente. Durante toda a narrativa, entretanto, o personagem não consegue se deslocar para o Oriente. Mesmo com o bilhete nas mãos e sem compreender os motivos que o prendem ao lado da sala de embarque, a saída é impossibilitada ao longo de toda a trama e, dessa forma, intensifica-se, pouco a pouco, a angústia que o leitor compartilha com o protagonista da obra.

Da mesma forma, a perda do sonho e a constatação do absurdo nas ações dos homens também são experiências que o leitor de Carvalho compartilha com o protagonista de “Reprodução”. Como nos lembra o pensador Vilém Flusser, as palavras “abismo” e “apatridade”, conceitos aqui norteadores à compreensão do “estudante de chinês” de Bernardo Carvalho, opõem-se às noções de fundamento e chão, ao mesmo tempo em que se relacionam à noção de tradução como eterna impossibilidade. O espaço, o tempo e a motivação do protagonista de “Reprodução”, de Bernardo Carvalho, parecem apontar para questões que se referem ao deslocamento da língua e à perda da terra.

O espaço de uma sala de inquérito ao lado da sala de embarque em um aeroporto, - local da apatridade, por excelência - , e o tempo que parece parar à espera do voo das seis - ao mesmo tempo em que é acelerado, aumentando vertiginosamente a ansiedade do personagem com a aproximação do horário de partida, somados à sensação de chegada do momento de apagamento do sonho (a ida para a China) e a incompreensão dos motivos que levaram à não-concretização do mesmo sonho por tantos que, na mesma fila, o tentaram alcançar antes dele (as várias professoras que misteriosamente desapareceram da escola e da fila de embarque) são alguns dos

elementos que levam os leitores de “Reprodução” ao encontro com o “absurdo” que permeia a experiência do homem contemporâneo. Vale aqui lembrar a definição de “absurdo” proposta por Rainer Guldin, grande estudioso da obra de Vilém Flusser, já mencionado neste texto. Guldin, a esse respeito, afirma:

O termo ‘absurdo’ significa na origem ‘sem fundamento’, no sentido de ‘sem raízes’. Como é sem fundamento uma planta posta em vaso. [...] A tendência das flores sem raiz é o clima da falta de fundamento”. Ele também quer dizer ‘sem significado’. “Como é sem fundamento o sistema planetário” que gira “no abismo do vazio” em torno do sol. “A movimentação sem significado, tendo o nada por horizonte, é o clima da falta de fundamento. (GULDIN, 2010, p. 29).

Segundo Rainer Guldin (2010), estudioso do filósofo tcheco, naturalizado brasileiro, Vilém Flusser, a tradução, base filosófica norteadora da obra do filósofo, não deve ser vista como uma síntese da experiência da desagregação vivida no exílio, mas como princípio da cisão original. Um dos objetivos deste estudo é perceber até que ponto a impossibilidade da tradução vivenciada pelo protagonista de Bernardo Carvalho em “Reprodução” aponta para essa cisão das línguas, base da reflexão sobre a tradução no pensamento de Flusser e, conseqüentemente, para o período pós-utópico vivido pelo homem contemporâneo.

Ainda para Rainer Guldin, em Flusser, a experiência do exilado pode ser associada à daquele que “é condenado a existir, totalmente livre, em um mundo sem fundamento e nebuloso: uma “sensação vertiginosa”. É essa sensação de vertigem que parece acompanhar o “estudante de chinês” que sequer compreende o que é dito na sala ao lado de onde se encontra, durante o período em que é bombardeado por questões às quais não consegue responder.

A questão da tradução/compreensão da língua é colocada aí tanto no plano da narrativa (o personagem pouco entende do que escuta e muitas vezes nota-se que sua escuta modifica completamente as palavras ditas do outro lado da parede), quanto no que diz respeito a sua sensação de “apatridade”. O “estudante” parece ficar tonto entre a memória que resgata das lembranças vividas na escola de idiomas e o momento de privação do excesso de informações com as quais convivia diariamente. Enquanto um sujeito supostamente bem informado, o “estudante” de Bernardo Carvalho toma a privação da web, sua grande possibilidade de contato com o mundo, como possível saída da prisão onde se encontra.

A comunicação com o mundo aparece aí como possível via capaz de libertar o personagem, que se encontra preso na impossibilidade da tradução/compreensão permitida pela língua. Ao se dividir entre “língua do passado”, “língua do presente” e “língua do futuro”, a obra de Carvalho parece apontar não só para a cisão das línguas como ao processo histórico que também prende o personagem em questão.

Ao mesmo tempo em que ele acredita que a presença da web poderia salvá-lo da prisão que enfrenta no aeroporto, a sensação de ‘vertigem’ que vive o “estudante de chinês” parece apontar para este estado híbrido entre o excesso de informação e a abstinência de um espaço *wi-fi*, vivenciada pelo protagonista de Bernardo Carvalho.

Paradoxalmente, os sentimentos de privação de informações no espaço virtual e de prisão no espaço real do aeroporto – aqui visto como espaço da “apatridade” -, ao invés de apontar para um confinamento da língua, evidenciam uma nova liberdade ao estudante de chinês e à língua. O personagem rompe todas as amarras da língua padrão para expressar a falta de sentido e o absurdo da situação por ele vividos no aeroporto (espaço entre línguas, ou seja, local, por excelência, da tradução).

Por sua vez, em *As confissões de Henry Fool* (*Henry Fool*, EUA, 1997), dirigido por Hal Hartley, um dos primeiros diretores do cinema independente norte-americano, o ator James Urbaniak interpreta Simon Grim, um gari que, a partir da amizade travada com um pseudointelectual, desperta o desejo pela escrita e acaba vencendo um prêmio Nobel de Literatura.

Embora enalteça a rede como espaço de democratização da escrita, neste filme, Hartley também critica a internet como local capaz de transformar o lixo em prêmio Nobel de Literatura, desde que isso interesse ao mercado da mídia. É importante destacar que a internet, naquele momento, vivia o começo de sua expansão fora do campo empresarial. Em uma das cenas do filme, o personagem Simon ganha um laptop e vislumbra-se com a possibilidade de ver seus vários cadernos digitados e postados na rede. Na cena, a internet surge como possível espaço de transformação das identidades. Um mero gari poderia ali se tornar um escritor de sucesso.

Há ainda, em outro trecho do filme, um diálogo que ressalta o impacto causado pela chegada da nova mídia. Em um debate exaltado, os dirigentes de uma grande editora explicam o fenômeno da convergência midiática e expressam a enorme preocupação que sentem diante da possibilidade de o novo meio, a internet, vir a substituir a tevê e o livro.

No filme, o texto do personagem Simon, que para se destacar de um produto em série, tem o nome bordado na lapela de seu uniforme de gari, é nomeado pelos críticos como uma poesia pornográfica, capaz de exercer um papel de resistência antissocial. Até a intelectual norte-americana Camille Paglia faz sua inserção no filme, interpretando a si mesma, durante uma entrevista de tv, na qual a pensadora explica o impacto do ponto de vista literário e social exercido pelo poema de Simon, aparentemente um homem comum.

Curiosamente, entretanto, Henry Fool, discípulo de Simon, é quem transforma os versos “pentâmetros iâmbicos”, que aprende a nomear a partir das lições de métrica oferecidas por seu instrutor Simon, em uma poesia que comove os leitores que frequentam a lanchonete onde o gari expõe seus textos. “Quem escreveu isso? – pergunta ansioso um coadjuvante do filme, a respeito do poema escrito por Henry – Esse poema fez minha filha cantar!” – afirma, emocionado, o pai da vendedora da lanchonete, que todos acreditavam não ter voz.

Apesar de todo o enaltecimento das possibilidades que poderiam advir do novo meio, os personagens de Hal Hartley, - tanto Henry, como Simon -, encontram-se presos ao longo de toda a narrativa. O tema da prisão permeia a obra e talvez, por essa razão, tantas grades sejam utilizadas para compor os cenários de *Henry Fool*. Os personagens estão sempre atrás de alguma grade, como se a prisão permeasse a obra como um todo.

Sabe-se que Simon passou sete anos na prisão, após ter tido relação sexual com uma menina de 13 anos. O filme se passa durante esse intervalo entre a saída de Henry da prisão e o momento em que ele seria novamente condenado e preso. Curiosamente é a troca de identidade com o lixeiro Henry, quem liberta Simon e permite a concretização de sua fuga na cena final, quando o personagem corre para pegar o avião, depois de ter conseguido se passar pelo colega diante da atendente do guichê de embarque do aeroporto, uma fã inveterada da obra de Henry, que foi publicada com o nome de Simon Grim. A atendente reconhece o nome do literato na lista de passageiros do voo e se emociona diante de Simon Grim, que foge com o passaporte falso, ludibriando e escondendo-se novamente atrás do lixeiro-vencedor do prêmio Nobel de Literatura.

Se em seus primórdios, o personagem-escritor que conquistava a rede era representado como aquele que conquistaria uma possível saída da clausura – mesmo que representada como fuga, marcada pelo uso de falsas identidades – como ocorre em *Henry Fool*, de Hal Hartley, quase vinte anos depois, ao representar um homem comum

que se considera bem informado por poder expressar diariamente suas ideias na rede, Bernardo Carvalho, coloca o blogueiro- protagonista de seu romance “Reprodução” (2013) em outro local.

Após quase duas décadas de vivência da escrita na rede e das múltiplas repetições geradas pela troca de identidades entre internautas que mais copiam que refletem os textos lidos no novo meio, Carvalho parece agora exibir um personagem que se vê, de fato, preso entre um espaço e outro. Se o voo, que representa a saída geográfica e a liberdade da prisão – foi possível a Henry Fool, o mesmo não acontece com o blogueiro de Bernardo Carvalho que, angustiado, fica preso no aeroporto, sem ao menos entender as razões que impedem sua saída para a China.

O homem comum e a (re)produção de discursos

Reprodução, de Bernardo Carvalho é, assim, uma obra singular no que se refere aos tempos contemporâneos. Trata-se de uma história que remete a vários tipos de “reproduções”, acrílicas e alavancadas pelo senso comum, como discursos reiteradamente divulgados pela imprensa ou na internet, por exemplo, e que são disseminados sem averiguação das fontes ou mesmo da pertinência de seu conteúdo. O estudante de chinês prestes a embarcar para a China, mas que é detido na fila do aeroporto e narra suas considerações dentro de uma sala fechada, personagem central, é o protótipo dos chamados *haters*, cujo discurso de ódio contra minorias, por motivação religiosa, partidária ou sexual, é típico do que circula em grande medida hoje na internet. Pode ser o discurso do senso comum, mas é, sobretudo, um discurso que se apoia em um conhecimento pseudocientífico, que se vale de dados e informações falseados e equivocados.

A invisibilidade proporcionada pelo mundo virtual conduz à formatação de opiniões que se pretendem definitivas sobre qualquer assunto; não há possibilidade de relativismo, não há espaço para ouvir o outro. A alteridade é, assim, desconsiderada, relegada a segundo plano, já que o que se pretende é impor um único discurso, sem possibilidades dialógicas. Neste ponto, é interessante retomar alguns conceitos desenvolvidos por Paolo Virno no artigo “Multidão e princípio de individuação”. O filósofo italiano aponta para a dissolução do conceito de “povo” e a pertinência do conceito de “multidão”: ainda que ambos os vocábulos sejam tomados por sinônimos com frequência, o primeiro seria de natureza amorfa e centrípeta, uma vez que converge para o Estado, ao passo que o segundo seria plural, reativo à obediência, grupo em que

se expressam muitas e multifacetadas individualidades. Talvez por isso, ainda de acordo com o estudioso, fosse melhor falar em “multidões”, no plural, a expressarem formas de vida contemporâneas.

A personagem de Bernardo Carvalho escreve para blogs, é divorciado e está desempregado, “nos últimos anos transformara os comentários anônimos na internet, e em especial os hediondos, em sua principal atividade diária” (CARVALHO, 2013, p. 10). Considera-se indivíduo no ambiente virtual, ainda que as opiniões que lá deixe registradas apontem para um discurso acrítico, sem identidade, sem autoria – mesmo afirmando reiteradamente ter opinião própria. A noção de “subjetividade anfíbia” apontada por Virno pode ser um caminho para se pensar sobre essa questão: o “eu falo”, de acordo com ele, é concomitante com o “fala-se”. Às vezes, o individual é dominado pelo pré-individual, isto é, o indivíduo é precedido por sua língua e sua comunidade de pertencimento, e de alguma forma é determinado por essas contingências.

Depreende-se a partir daí que esse mesmo indivíduo seria dominado, por conseguinte, pelos discursos que o cercam e são perpetuados por família, Igreja, escola, imprensa, por discursos instituídos e intitucionalizados, enfim. Tudo aquilo que precede à existência do indivíduo em si contribui para seu processo de subjetivação, ou individuação – em primeiro lugar, o social seria um componente da personalidade; depois, o individual.

A personagem em xeque expõe sua dificuldade em construir uma subjetividade capaz de ultrapassar, de algum modo, “o que é dito”, “o que é dado como verdade”; conforme já estudado na primeira parte deste artigo, não se contenta sequer com sua própria língua, o que fica expresso logo no começo do romance:

Tudo começa quando o estudante de chinês decide aprender chinês. E isso ocorre precisamente quando ele passa a achar que a própria língua não dá conta do que tem a dizer. É claro que isso significa, também, que a possibilidade de dizer não está no chinês propriamente dito, mas numa língua que ele apenas imagina, porque é impossível aprendê-la. É nessa língua que ele gostaria de contar sua história. (CARVALHO, 2013, p. 9).

Mesmo estudando seis anos de chinês, não consegue sequer falar frases corriqueiras para se comunicar com a antiga professora, que reencontra na fila do aeroporto. Se acredita que sua própria língua não dá conta de expressar tudo aquilo que pretende, o chinês, tampouco, será a solução, o que leva à percepção de que o problema não se restringe às línguas e/ou a seu estudo, mas sim à personagem, incapaz de

expressar suas ideias. A impossibilidade de comunicação por meio de sua própria língua sintetiza a impossibilidade do estudante de cumprir sua trajetória e finalmente embarcar para o Oriente, mote da história. Além disso, para ele também parece ser impossível o gesto da criação intelectual: propõe-se a ser um formador de opinião quando, na verdade, apoia-se em discursos e ideias alheias que absorve acriticamente, conforme se lê na seguinte passagem, parte do depoimento caótico e fragmentado transmitido ao delegado na sala do aeroporto:

Não é porque o senhor é judeu que eu não vou dizer o que eu penso. O senhor leu a última declaração do vice-presidente do Irã? Não leu? Pois devia. Não lê jornal? Aqui não tem wi-fi? (...) Ele disse que o Talmude é o culpado pelo tráfico de entorpecentes. (...) Não, já disse que não sou racista nem jihadista. (...) Sou brasileiro. (...) Não sou antissemita. Não fui eu que disse. Foi o vice-presidente do Irã. Estou só reproduzindo o que eu li. (CARVALHO, 2013, p. 29).

A atitude da personagem aponta para um contrassenso da contemporaneidade: a superinformação a que somos submetidos cotidianamente pode conduzir à ausência de profundidade e de senso crítico, já que a superficialidade na abordagem passa a ser a tônica: “Enfim, uma acumulação muito grande de informação não acabaria por produzir um efeito de saturação contraprodutivo?” (CHARAUDEAU, 2006, p. 38) De acordo com Ítalo Calvino, em *Seis propostas para o próximo milênio*, a lentidão pressupõe maturação, o que se perde em meio à rapidez dos tempos modernos. O ócio criativo, por permitir uma reflexão mais dilatada, seria mais benéfico do que simplesmente a absorção ininterrupta de informações.

No entanto, a personagem da obra de Carvalho opta por se esconder atrás do que lê e do que ouve e, mais ainda, replica e referenda discursos racistas, homofóbicos, antissemitas. Ele simplesmente consome e reproduz tudo que o cerca. Peter Pál Pelbart, em “Poder sobre a vida, potências da vida”, afirma:

O fato é que consumimos, mais do que bens, *formas de vida* (...) Através dos fluxos de imagem, de informação, de conhecimento e de serviços que acessamos constantemente, absorvemos maneiras de viver, sentidos de vida, consumimos toneladas de subjetividade.” (PELBART, 2011, p. 20).

Esse parece ser o movimento empreendido pelo estudante de chinês, que, mesmo fora do mercado de trabalho, consome e produz (ou re-produz), corroborando a teoria de Pelbart de que todos produzem, mesmo aqueles que não estão vinculados ao processo produtivo. Saliente-se que o que deveria demonstrar o capital cultural da personagem

acaba por apresentar sua arrogância e falsa autoridade ao discorrer sobre vários assuntos que, claramente, desconhece em profundidade. O capital simbólico (a invenção) seria a potência do homem comum, potência esta que se mostra absolutamente esvaziada de sentido na obra em questão.

Referências

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARVALHO, Bernardo. *Reprodução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

CHARADEAU, Patrick. *O discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.

GULDIN, Rainer. *Pensar entre línguas: a teoria da tradução de Vilém Flusser*. Trad. Murilo Jardelino da Costa e Clélia Barqueta. São Paulo: Annablume, 2010.

PELBART, Peter Pál. Poder sobre a vida, potências da vida. In: _____. *Vida capital – ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2011.

VIRNO, Paolo. Multidão e princípio de individuação. *Lugar Comum*, n. 19, p. 27-40.